



Alguns barracos de posseiros foram destruídos, mas logo a seguir reconstruídos

Violência não impede posse em área de marinha

A violência de um engenheiro e vários peões da Imobiliária Camburi, proprietária do Loteamento São Patrício, em Jacaraípe, não impediu que um terreno de marinha, localizado na margem esquerda do Rio Jacaraípe, fosse invadido ontem. Vários barracos destruídos, um deles queimado, voltaram a ser erguidos e os posseiros têm como certa a propriedade da área.

De acordo com vários posseiros que já estão no terreno próximo ao loteamento São Patrício, a violência foi praticada primeiro pelo engenheiro conhecido apenas como Jabour, que estava com 21 trabalhadores da Imobiliária Camburi.

AGRESSÕES

A ocupação de uma ponta de terreno próximo ao rio Jacaraípe começou há cerca de um mês. Três barracos já estavam construídos e cinco sendo levantados ontem, quando chegaram os peões comandados pelo engenheiro da Imobiliária Camburi. Eles destruíram a cerca, derrubaram os barracos e a madeira de um deles caiu sobre uma pequena fogueira e se incendiou.

Um caminhão já lotado com as madeiras, sob as ordens do engenheiro ia deixando o local. Uma moça, menor, estava fotografando quando foi agredida pelo engenheiro com um tapa no rosto. Frei Manoel Machado, capuchinho radicado há três anos em Jacaraípe, conseguiu impedir que o veículo deixasse o local e reaver a máquina fotográfica, embora também tenha sido agredido pelo engenheiro.

A intervenção dos posseiros impediu que o frei fosse atingido com um pé de cabra, e o religioso conseguiu acalmar os ânimos, explicando aos peões que a ocupação não era na área da Imobiliária Camburi e sim em terreno de marinha. Outros moradores se somaram a frei Manoel Machado, explicando que os peões "deviam participar da luta para garantir a posse de um pedaço de terra".

OCUPAÇÃO

Os relatos dos posseiros de Jacaraípe coincidem num ponto: eles estão ocupando uma área que a Imobiliária quer para si. "pois são 60 lotes, mais ou menos, de alto valor", disse um deles. O sr. Violino Jacinto Pereira, morador em Jacaraípe há seis anos acompanhou a medição, como ajudante do topógrafo.

"O velho Nunes Duarte Lima comprou de Jovino Mota. Assisti a demarcação que passa por aquele pau queimado (terreno já aterrado, mas estendido além do marco em direção ao rio Jacaraípe) e vai em linha reta até o marco de cimento. O que está sendo ocupado não é de ninguém. O sr. Nunes disse que ia requerer do Estado um terreno que ele ia medindo, mas não requereu", afirmou o morador.

"A medição que fizemos cortou para a banda de cima (para o lado do Loteamento São Patrício), pois o agrimensor disse que para o lado do rio é terreno de marinha", declarou o sr. Violino Jacinto Pereira. Todos os posseiros lembraram que o terreno que está sendo ocupado "é perto do rio Jacaraípe" e que o Código de Águas assegura que as margens dos rios não podem ser loteadas, pois o terreno é de marinha.

POSSEIROS

A maioria das famílias que estão ocupando a área é pobre, com ganhos aproximado ao salário mínimo. A violência dos representantes da Imobiliária surpreendeu os moradores, pois a própria Polícia esteve na área e não interveio, concordando que só pode agir desta forma com mandado judicial, o que não houve.

"A gente foi entrar em diálogo para saber para que ele ia carregar a madeira que não era dele. Ele saiu dando tapa na moça e agredindo o frei Manoel. Ainda queria ser vítima. Ai não deixamos que ele continuasse a agressão. Eu mesmo fui ameaçado com uma foice de um peão. Mas não vamos sair daqui, pois este terreno é de marinha", declarou o biscaiteiro Grimaldo Reis Miranda, da Comissão dos Moradores de Jacaraípe II.

O presidente da Comissão de Justiça e Paz (CJP), médico Rogério Coelho Vello foi chamado e esteve no local, com o advogado Sandro Chamoum do Carmo, também da Comissão. Ele afirmou que "a miséria praticamente obriga a ocupação de terrenos, principalmente em casos que os ocupantes entendem ser terreno de marinha".

Segundo afirmou a sra. Emilia Maria de Moraes, casada, dois filhos, "o terreno é de marinha, tanto que um fiscal esteve aqui ontem (quarta-feira) e disse que realmente a área é de marinha. O pessoal veio para cá por que tem necessidade, se não ninguém vinha".